

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
com estampilha..... 600 rs.
Fóla do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs.
a linha.
Annuncios e communicados, a 50 rs. a
linha.
Repetições..... 25 rs. a linha
Annuncios permanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

O POVO D'OVAR

AS CONCESSÕES

Vae na imprensa periodica uma grave disputa a proposito das concessões feitas pelo governo em Africa. Levantaram-na os progressistas, que não perdem um só momento de fazer politica, por se verem quasi votados ao ostracismo e sem quinhão nas benesses do poder.

D'esta vez, porém, os maneos da politica coadunam se com os interesses da nação, e, quando a harmonia se dá, pouco importa o fim com que o facto se pratica.

A lucta com a Inglaterra fez ver a muitos a Africa como um novo El-dorado. As phrases bon basticas e patrioticas de muitos jornaes aguçaram a imaginação da maior parte, e que creou lendas a proposito da fertilidade e riqueza dos terrenos, votados por nós ao desprezo durante uns poucos de seculos. De mais, os nossos ficis alliados, constituindo uma poderosa companhia com direitos magestaticos, que sujeita a espera da sua acção centenas de legoas e da qual os lucros se calculam em milhares de contos, acabou de instigar os ambiciosos.

E appareceram assim os primeiros pedidos de concessões. Já ninguem se lembrava da de Paiva d'Andrade em 1880, requerendo um traço de terreno na Zambesia e a que o paiz tanta opposição fez, sendo o assumpto discutido nas camaras: e comtudo esse exemplo era frisante e digno de ser tido em alguma conta.

E quem faz os pedidos?

Nem uma companhia portueza, nem um capitalista conhecido. Sempre politicos sabindo á estacada a tomar a presa.

Já o favor de exclusivo da pesca das perolas concedido a Serpa Pinto nas aguas de Moçambique concitou a animadversão publica, porém perdoou-se ao governo este acto de puro favoritismo em attenção ao illustre africanista.

Mas mau é entre nós abriu excepção em favores concedidos pelo governo, porque appareceu logo centenas de pretendentes, exhibindo importancia, allegando direitos, se não feitos ao paiz, pelo menos feitos á politica. E o ministro, que uma vez claudicou, já não tem força para repellir os importunos.

E' d'isto um exemplo bem frisante a concessão de vastos terrenos ultimamente feita pelo governo ao deputado Manoel d'Assumpção. Nada a justifica. Nem o concessionario tem capitães para explorar a região que lhe foi entregue, sem ou menos

alguem acredita que elle dá á Africa ver as suas propriedades. Para que, pois, se lhe fez a concessão?

Para amanhã se formar uma companhia, importa pouco se nacional ou estrangeira, que compre por algumas centenas de contos os direitos do concessionario, aliviando-o de tão pesado encargo. E assim encontra o sr. Manoel d'Assumpção a parte positiva dos seus discursos, e uma boa consolação para os seus desgostos partidarios.

Outras muitas concessões, como esta ficaram na forja.

E a lucta com a Inglaterra acaba por satisfazer ambições desmedidas, retalhando um territorio e entregando o sabe Deus a quem.

Rodrigo da Fonseca Magalhães preferia comprar os deputados, como as casas, depois de feitas.

Parece que o governo aprendeu muito aquellas lições. Dentro em pouco tempo poucos inimigos terá. Os empregos rendosos e as concessões trazem facilmente ao redil as ovelhas recalcitrantes. E como estamos em epocha do mais crasso materialismo, quando os argentarios tudo mandam, os interesses pecuniarios governam.

Debalde os despeitados progressistas repontam nas suas gazetas.

A corrente do dinheiro e dos favores enfina as velas da barcassa ministerial. E ella singra bem as aguas da politica: leva bom piloto ao leme.

POR AHI

Contrastam singularmente com a triste situação do paiz os festejos e sporadicos signaes de ruidosa alegria com que as magestades se fazem acompanhar.

Na Beira e em Cascaes cortam os ares os foguetes e os vivas e rivalisam os influentes em mostrarem o mais rijo enthusiasmo.

Não se comprehende, nem tão pouco se percebe o que possa originar tal facto.

Um protesto contra 31 de janeiro?

Já vem tardio de mais. Logo depois d'aquella data fatidica para a monarchia, os monarchicos mais euragés não tiveram a coragem das suas opiniões: muitos prevendo o proximo advento da republica procuravam já transformar as suas opiniões. E' verdade que esses voltaram agora ao antigo, visto os acontecimentos terem obstado ao triumpho da democracia.

Protesto não é, porque para tanto não ha coragem. Simples bajulação para apanhar algum emprego ou alguma commenda.

E os nossos monarchas, novos e velhos, deixam-se arrastar na onda, correm prestes a recolher confiados os vivas, pensando que são o producto espontaneo do pensar do povo. Não veem que por detraz de tudo isto fica o governo, fazendo a encomenda, pagando generosamente de thesouro publico os contos de reis que as festas custam.

Quantas dezenas de contos custam ao paiz as festas de Cascaes e a passeiata da Granja, umas por causa do joven monarcha e a outra por causa da velha rainha?

Nunca o povo saberá

Discute-se acaloradamente na imprensa se nós proclamassemos a republica a Hespanha intreviria invadindo com tropas o nosso paiz.

A imprensa monarchica levantando a questão não cessa de apresentar ao povo todos os inconvenientes da intervenção, entende que ella é inevitavel caso a revolução rebente e a proposito d'isso vae concitando os velhos odios legados contra os nossos vizinhos pelas velhas tradições.

E' dever dos monarchicos explorar as opiniões conforme lhes convenha em favor da sua causa, por isso elles estão desempenhando o seu papel, quando affirmam a necessidade de se não alterar a ordem, demolindo as instituições.

Mas não são apenas os monarchicos que advogam tal idéa. Vão-lhes na esteira os republicanos moderados e muito especialmente o seu orgão na imprensa.

Estes querem a evolução lenta, tardia e segura. Esperam a victoria do completo descredito da monarchia, quando o povo, aborrecido de tal systema politico, declare abertamente a sua opinião. Entretanto pouco importa que na Africa ou nos paizes estrangeiros vão morrendo uns após outros aquelles que com a revolução de janeiro fizeram dar um grande passo á causa monarchica. Sim, o partido não pôde estar a comprometter-se por causa dos revolucionarios. E' justo em politica gritar—homens ao mar!—e correr para deante como no navio acoçado por furiosa tempestade, correndo em arvore seca.

Se a politica democratica tem de ser isto—violenta, dura, ingrata—atirando para á valla do esquecimento os homens, que n'um só dia se tornaram heroes e martyres, só porque uma problematica intervenção estrangeira pôde levantar ao partido algumas difficuldades, melhor fôra que ta politica e taes politicos nunca tivessem existido. Se as causas democraticas vencem e conquistam

a adhesão das massas é pelas idéas altruistas, que apresentam, e só por ellas impõem a sympathia. O egoismo proclamado em nome do partido nada mais faz do que arrefecer o enthusiasmo, despertando a desconfiança.

A intervenção hespanhola é um mytho, uma pura arma de combate a que se pretendem socorrer os monarchicos d'ambos os paizes. Nem elles é possivel attentas as condições especiaes em que se encontra a Europa inteira, preparada para uma conflagração geral, mas temendo-a: nem tão pouco attentas as condições especiaes internas da Hespanha.

Isolada, a Hespanha encontrava de frente a Inglaterra que sempre impediu a intervenção extranha no nosso territorio. Acompanhada a qual das alianças francezas ou allemã se socorreria? se á primeira, viria contra a segunda; se á segunda viria contra a primeira. E a Hespanha monarchica teria força para nos mandar um exercito invadir o territorio para sustentar a monarchia quando ella propria lucta com o partido republicano batendo-se?

Ninguem de boa fé pôde acreditar em semelhante intervenção, em tal balela politica.

Mas acreditam-no ou fingem acreditar alguns republicanos moderados. Convém isto aos seus interesses pessoas e politicos.

Parece um paradoxo que a alguns republicanos, não convenha o advento da republica, e não é.

Dentro do proprio partido republicano já ha logares de representação e logares de interesse, que podem satisfazer a ambição de muitos. Elles assim vivem impondo-se a uma parte do numeroso e explorando-o; e talvez o não podessem fazer se a republica triumphasse. O «Seculo» talvez não prosperasse tanto se sobre a imprensa republicana não pesasse tão duramente a lei da imprensa com as suas penas.

Emfim dentro de todos os partidos ha arranjos. A intervenção hespanhola não passa de uma...

Novidades

Estradas.—Continuam sem reparação as estradas da villa, que pertencem ao Estado. Transitar por ellas é um perigo.

O systema das economias, que em verdade é bom e necessario não pode ir até ao ponto de deixar deteriorar por completo uma estrada, porque depois a reparação custa demasiado cara.

Por isso de novo pedimos providencias a quem compete.

As tempestades.—Dizem de Tunis em data de 16 que

uma terrivel tempestade cahiu sobre Kairouan onde fez grossos prejuizos.

Um raio matou uma mulher e feriu um spahi que deitou abaixo do cavallo. Um kilometro mais longe, outro raio matou um indigena que ficou completamente carbonisado: dous camponezes que fugiam ao granizo cahiram n'um poço á flor de terra e affogaram-se n'elle.

Doença.—Tem estado gravemente doente, mas vae agora em via de restabelecimento a ex.^{ma} filha do nosso amigo sr. Manoel d'Oliveira Barbosa e esposa do sr. commendador Luiz Ferreira Brandão.

Estimamos as melhora.

Medidas sanitarias.—Debalde temos pedido que se tomem algumas medidas sanitarias quer na villa, quer no Furadouro. A toda a hora transitava carros de escasso, exhalando um cheiro pestilencial.

Não ha quem faça entrar na regra os srs. que cuidam do municipio.

Lá o leem, lá o entendem.

Furadouro.—A vida aiçada da villa concentra-se hoje na praia. Para aqui fogem os que podem distrahir algum tempo das suas occupações.

Por isto e porque a concorrencia de extranhos augmentou muito, a praia animou-se extraordinariamente n'esta ultima semana.

Parece tambem que se deu um passo para sahir da vida acanhada d'aldeia, em que iamos andando desde o começo do mez. Cresceu a familiaridade e confiança, o estar á vontade proprio da praia.

Desde domingo passado tambem a assembleia tomou um outro aspecto. Despiu-se o modo sorumbatico, vareiro, para apparecer a feição garrida animada. Agora dança-se animadamente e para isso não se procura a hora convencional depois do chá como se a vida da praia fosse a vida d'aldeia: a assembleia abre-se, faz-se um bocado de musica e basta chegar um bom vivante, um animado, como Manoel Alegria para todos saltarem para o meio da sala.

A praiasita vae bem, e não falharam os nossos calculos. O pic-nic de sexta-feira na Ria foi delicioso.

Dois barcos moliceiros, largos bojudos, de bordo rastejando a agua esperavam os excursionistas no Carregal, alli a dois kilometros de distancia. Eram 11 horas quando os barcos abarrotados de gente principiaram a singrar em direcção á Torreira. A Ria apresentava então um aspecto animado, lindissimo, e para o sul via-se a agua coberta de barcos. A rapaziada cumpria o seu dever, dando vivorios e fallando d'um barco para o outro.

Passaram os barcos na marinha de Fuzelhas, indo tudo ás melancias que alli ha em abundancia junto á praia. Um barco seguiu um pouco mais para baixo, enquanto o outro voltou logo para o pinhal da Gaia, local designado para o jantar.

E alli na areia foram-se estendendo as toalhas, descobrindo e classificando os petiscos que cada familia levava, collocando á mão os pipos de vinho, abrindo as garraphas de Madeira, e tudo aquillo no meio de ditos, de gargalhadas.

O segundo barco, havia chegado e a mesa levava tempo a preparar. Começou o jogo dos cantos, uma leria qualquer, que despertava o riso, onde havia muita mocidade, muita alegria, sem que uma unica sombra a empanasse.

Depois do jantar vieram aos barcos, e assim se voltaram ao Carregal os excursionistas acompanhados por outros excursionistas menos inumerosos, que n'esse dia haviam ido a Ria caçar e admirar o grupo grande e bello de baixo de todo o ponto de vista.

Do Carregal seguiu todo em marcha *aux flambeaux* até á costa dissolvendo-se o grupo em frente á casa de Accacio de Barros.

E terminou este dia na Assembleia dançando-se animadamente.

Havemos de aqui deixar consignado que a iniciativa e alma do pic-nic foram os nossos dois amigos Accacio de Barros e Francisco Costa. E mais notaremos com bastante magua, que á excepção de duas ou trez familias os vareiros fizeram-se notar pela sua auzencia.

Oxalá que estes divertimentos se repitam. Deixem sempre em todos os que assistem em vem as mais gratas impressões; atam os laços da amizade que devem unir as familias que vivem n'uma praia como a nossa.

Competia aos vareiros proporcionar estes divertimentos. Empunhal-o a gentileza e os mais rudimentares deveres de amigos da sua terra, para a ella chamarem concorrência, mas... *Tabelleau*.

—Nos ultimos dias tem chegado muitas familias, entre outros — dr. Manoel Barbosa, dr. Amador Valente, dr. Lopes Godinho, Huet de Bacellar e dr. Bordallo com suas ex.ªs familias.

—O mar a maior parte do tempo esteve bravo. E quando permittiu a pesca não deu resultado aos pescadores.

Na Italia.—*Os impostos—Tumultos graves—Municipalidades que se demitte.*

Escrevem d'Avellino:

Houve gravissimas desordens aqui, em consequencia do lançamento de novos impostos municipais.

A população sublevou-se. A força publica teve de occupar as ruas principaes, houve recontros e ficaram feridas muitas pessoas.

Os manifestantes foram a casa da autoridade superior administrativa e quebraram todos os vidros á pedrada. Fizeram-se numerosas prisões.

O conselho municipal reuniu-se extraordinariamente, aboliu os novos impostos e deu a sua demissão.

Um escandalo.—*Famoso quator!*

O tribunal de Bruxellas instrue n'este momento um processo extremamente delicado em que estão implicados quatro pessoas: um fidalgo autentico, um amigo d'este e duas damas do bom-tom.

Trata-se, ao que parece, e se é dado crêr os informes obtidos pela «Indépendance Belge», de adiantamentos do dinheiro obtidos por meios nada escrupulosos, promessas não cumpridas, negociatas que roçam pela gatu-nice, etc., etc.

Em breve a instrucção do processo ficará encerrada e então virão para publico os esclarecimentos mais completos.

Os grandes incendios
—*Trinta e quatro predios destruidos.*

Nova-York, 15.

Em Quebec, Canadá, houve um terrivel incendio em que ficaram destruidas trinta e quatro casas. Aham-se sem asilo setenta e cinco familias.

O fogo começou n'uma pequena hospedaria da rua Champlain, onde os locatarios foram acordados em sobresalto e mal tiveram tempo de fugir.

Em virtude da falta de agua, o incendio tomou rapidamente enormes proporções. A igreja de Nossa Senhora, situada no estaleiro marítimo, ficou destruida.

As victimas do incendio, que se attribue a malvadez, são pobres canadianos francezes.

As inundações em Hespanha.—Em Consuegra procede-se activamente ao enterramento dos cadaveres. Ao passo que vão sendo tirados dos escombros ou desenterrados dos lodos deixados pelas aguas, os encarregados de esta penosa tarefa cobrem aquelles restos informes e putrefactos de grossas camadas de cal e é assim que lhes dão sepultura.

Egualmente grande numero de trabalhadores procede activamente á limpeza das ruas e remoção dos escombros que n'ellas se amontoam.

Os socorros pecuniarios e os viveres e roupas que chegam dos povos visinhos são avidamente disputados pelos infelizes sobreviventes da temerosa catastrophe.

Em Almeria tem apparecido tambem muitos cadaveres.

E' grande já o numero das pessoas que adoeceram por motivo do cheiro pestilencial que se exhala dos escombros onde os corpos das victimas estão apodrecendo.

Uma numerosa commissão de senhoras tem percorrido as ruas da povoação implorando socorros para as victimas sobreviventes d'alli.

A subscrição publica alli aberta já attingiu a somma de 3:000 pesetas. Da povoação de Alhama foram enviadas 1:000 pesetas, producto d'uma subscrição lá aberta.

O snr. Canovas del Castello, presidente do conselho de ministros enviou um telegramma ao governador da provincia dizendo que o governo ia tractar d'acudir á calamidade que afflige aquelles povos, começando por abrir uma subscrição nacional.

A municipalidade de Almeria

terá que dispendir cerca de dois milhões de pesetas na reparação das ruas d'aquella povoação.

Um numeroso grupo de jornalheiros, arruinados pela inundação, percorrem as ruas fazendo uma manifestação publica em demanda de socorros e muitos estabelecimentos e casas particulares, receiando alguma alteração na ordem, fecharam apressadamente as portas.

Na rua das Tiendas os jornalheiros quizeram que os commerciantes se juntassem a elles e como não fossem attendidos romperam em gritos e assobios.

Acudiram logo as auctoridades que dissolveram pacificamente a minifestação.

São horriveis os pormenores sobe o que occorreu nos bairros da baixa, no momento em que se deu a catastrophe.

*

Em todos os grandes centros d'Hespanha é enorme o movimento caritativo em favor dos desgraçados povos d'Almeria e Toledo.

Onde porém a benemerencia publica chega a ser febril é em Madrid. Todos, pobres e ricos, concorrem com o seu obulo ou para a subscrição official ou para as que foram abertas por iniciativa particular.

El Liberal encabeçou a sua subscrição com 2:500 pesetas. *La Epocha*, a sua com 500. A *do Imperial* estava hontem já em 12 mil e tantas.

O espada *Lagartiquillo* deu 25 pesetas para a subscrição do *Liberal*.

O ex-rei D. Francisco subcreveu 15:000 pesetas; a deputação de Viscaya, encabeçou uma subscrição com 10:000; a camara de Bilbao, com 7:500. A subscrição aberta entre os empregados dos ministerios produziu 600:000.

O Circo do Parish deu hontem á tarde uma funcção extraordinaria, cujo producto devia reverter por completo, para as victimas das inundações.

Foi já assignado o decreto pelo qual é aberto o credito de 500:000 pesetas, destinadas a socorrer os povos inundados.

Ants-hontem sahio um bando precatorio, formado por varios membros da imprensa de Madrid a esmolar para as victimas de Consuegra e Almeria.

Os donativos em roupas e dinheiro foram importantes.

Litteratura

A PEDRA QUEIMADA

Era muito altiva a formosa Pauna. Tinha os olhos pretos, sobranceiras arqueadas e o nariz aquilino. A bocca não era muito pequena, mas bem talhada; e, quando ria ou quando fallava, mostrava duas filas de dentes brilhantes de alvura. Dispunha as tranças como um diadema; e quando ella passava, ligeira, e com a cabeça levantada, toda a gente sorrindo lhe chamava:

—Princeza!

Pauna, porém, já não era tão altiva, e não voltava a cabeça quando via passar Tanasio. Escutava-o quando elle lhe fallava da hora (dança nacional). Todavia, quando algum pertendia arrelial-a, fallando-lhe do rapaz, ruborisavam-sa-lhe as faces, e as

suas replicas promptas tiravam logo ao atrevido a vontade de proseguir. Toda a mocidade invejava Tanasio, sobretudo quando souberam que era elle o seu noivo.

Veio a guerra. Tanasio devia entrar no exercito e ir para o Danubio. Pauna escondeu do mundo as suas lagrimas, mas chorou muito em segredo, sem que ninguem ousasse perguntar-lhe a causa da sua magoa.

Não se soube como é que Pauna conseguia saber todas as noticias do exercito. Accometeu-a uma extraordinaria fraqueza, e viu-se obrigada a ficar junto á pedra da entrada da cidade para não cair, logo que se começou a fallar das primeiras batalhas. Durante a noite, Pauna não dormia; e muitas vezes deixava arder a lampada para espantar as tetricas visões, em que via Tanasio coberto de feridas, expirando ou morto.

Uma vez, n'uma noite escura deixou-se ficar vestida e sentada á borda da cama, sem perceber que havia alguém que rondava em volta da casa, olhando para a janella. Não sabia como era encantadora com os seus grandes olhos muito abertos e fixos, e as suas mãos graciosas cruzadas sobre os joelhos.

De repente, ouviu um ligeiro ruido, de encontro á janella.

Soltando um grito de terror, a pobre rapariga estremeceu, voltando-se para o sitio d'onde partia o ruido, sondando a escuridão com o olhar. Paraceu-lhe ver Tanasio, e ouviu que a chamavam baixinho:

—Pauna, minha querida Pauna! Sáe, que t'o supplico. Sou eu, sou Tanasio!

Pauna levantou o fecho da porta. Saiu, e sentiu-se logo presa nos braços de Tanasio. Repelliu-o dizendo:

E's tu? E' alguém que me quer enganar?

—Não vês o teu anel, Pauna e aqui, no meu pescoço, a pequena imagem santa, que me déste. Eu já não podia supportar a separação. Quiz ver se me não tinhas esquecido.

—Mas quem te permittiu que abandonasses o exercito?

—Ninguém.

—Ninguém? E estás aqui? Como? acabou a guerra?

—Não, Pauna, ainda não terminou; mas eu consegui fugir, ás escondidas, por causa do amor que te consagro.

—Por causa do amor? disse Pauna, com um sorriso abafado. Então julgas tu que quero tor um desortor para o noivo? Vamos! Parte, desaparece diante de mim!

—Pauna! E' esse o amor que me tens! Envias-me para a morte?

—Vae para onde quizeres; mas fica certo que nunca serei tua esposa; porque ver-me-hia forçada a desprezar o meu marido, e não o podia supportar.

—Amas outro?

—Não, Tanasio, não amo ninguem senão a ti, Passei as minhas noites a pensar em ti, mas nunca imaginei que amava um cobarde.

Pauna escondia o rosto na mão e chorava.

—Pensei que me receberias com jubilo, e que me esconderias em tua casa.

—Oh! que vergonha! gritou Pauna. Que vergonha que eu seja tua noiva... Ouve!... O Buceg (montanha dos Carpathos) ar-

derá antes que eu seja tua mulher.

—E eu, respondeu Tanasio, juro-te que me não tornarás a ver senão ferido ou morto.

N'este momento, olharam-se face a face; os seus olhos brilharam na sombra. De repente, um clarão rubro espalhou-se no ceu, por cima d'elles, e logo que levantaram a cabeça, viram que se tinha incendiado o cume da rocha de Buceg. O clarão augmentava sempre, até que uma grande labareda se levantou, como se fosse cuspidá das estrellas. Os dois noivos ficaram estarecidos de espanto. As janellas das casas visinhas principiaram a abrir-se, os homens gritavam uns para os outros:

—A floresta está a arder! A montanha está a arder!

Os cães ladravam, e cantavam os gallos.

Então Pauna, implindo Tanasio pelos hombros, disse-lhe:

—Vae-te! Fogol! Esconde-te, se não queres que eu morra aqui de vergonha.

Voltou para casa, fechou a porta e apagou a luz.

Com o coração palpitante, viu afastar-se Tanasio, escondido com as casas Olhou em seguida para o monte illuminado cujo fogo pouco a pouco se extinguia, e não respondeu palavra, quando vieram chamal-a para vêr o milagre.

Desde esse dia, todos viram Pauna frequentar os caminhos solitarios. A sua bocca, sempre prompta para as replicas, não se abria jámais n'um sorriso. Trabalhava em silencio, e, muitas vezes, sentia-se tão fatigada, que se ia sentar á beira da fonte, refrescando a cabeça com agua. Umavez mirava-se na tranquillidade da agua pura, outras vezes cheia de susto, contemplava o cimo do Buceg.

Correu a noticia de que Tanasio tinha voltado á aldeia. Haviam homens que affirmavam tel-o ouvido fallar a Pauna. Quando a interrogaram sobre esse facto, as gottas do suor corriam-lhe na testa e em volta dos labios. Respondia a tremer:

—Quando o monte ardia, em minha casa não estava tudo escuro e silencioso?

A mãe de Pauna abanava a cabeça, e dizia que se tinham visto muitos milagres no mundo. Soube-se então que se tratava uma tremenda batalha. Pauna foi, d'essa vez, a ultima a saber-o. Correu a casa, cobriu-se com um pequeno chale, poz mamaliga (especie de polenta) e pepinos n'um prato; e, quando a mãe inquietada, lhe perguntou onde ia, respondeu apenas:

Eu volto já, minha mãe não se assuste.

O campo da batalha estendia-se immenso na côr indecisa do crepusculo. Milhares de mortos jaziam por terra. Alguns cavallos estrebuxavam na agonia, outros, com as cabeças pendentes para o chão, coxeavam, caminhando ao acaso. O exercito estava acampado em volta das fogueiras das tendas, e ninguem dava ouvidos aos gritos que partiam do campo da batalha. Um vulto esguio de mulher passava, só no meio da fila dos mortos, depois de ter percorrido todo o campo, perguntando por Tanasio. Aproximava-se destemida de amigos e inimigos, dando de beber a uns e a outros, e olhando os ca-

daveres com piedade. Tinha caído a noite, e a lua allumiava então a horrenda planície. A rapariga continuava sempre, ora ajoelhando-se aqui, ora ali, encostando sobre o seu peito a cabeça do que iam expirar, procurando encontrar o seu anel e a sua pequena imagem santa sobre os corpos dos mutilados. Só uma vez recuou com repugnancia, vendo as mulheres que despojavam um morto, ouvindo o ruído dos ossos que ellas partiam para roubar os anneis. Fugiu ao principio, mas voltou logo, e fitou os olhos no morto.

Todo o campo dormia, e Pauna errava ainda, á luz da lua. De espaço a espaço, chamava baixinho:

—Tanasio! Tanasio!

Umavez respondia-lhe um gemido, mas ella baixava a cabeça, muito triste, dando de beber ao moribundo, que não era Tanasio. Repontava o dia, e a luz da lua ia já empallidecendo. Pauna viu brilhar um objecto. Logo que se approximou, viu um hemem desmaiado, quasi despido apertando na mão, onde brilhava um anel, uma coisa que lhe pendia do pescoço. Com tanta força apertava, que era impossivel abrir-lhe os dedos.

—Tanasio!

Pauna soltando um grito caiu junto do corpo de que mal se conhecia o rosto inundado de sangue.

Passado um instante, Pauna recuperou os sentidos. Lavou então as faces pallidas do seu amor e chorou copiosas lagrimas vendo que o seu noivo ainda vivia, refrescou-lhe logo os labios e deu-lhe de beber, tapando-lhe as feridas com o seu avental.

Um longo suspiro soltou-se do peito do ferido, e apenas ouviu pronunciar o seu nome, levantou a mão, tacteando o rosto de Pauna:

—Minha querida Pauna—dizia elle com voz pouco distincta. —Deixa-me morrer aqui. Estou cego, Pauna, de que serve viver!

—Não, não—respondeu Pauna—és tu meu noivo amado, e, com o auxilio de Deus, serás brevemente o meu esposo. Mas calate, agora, calate.

Decorreram muitas semanas durante as quaes Pauna se não desviou um instante do leito de Tanasio, tratando-o noite e dia. Um dia, os homens da aldeia viram dois viajantes ao longo do caminho que se approximavam. Era um cego coberto com um capote militar, com a cruz de honra sobre o peito, e uma rapariga que o conduzia pela mão, dizendo alegremente aos transeuntes:

—E' este o meu noivo! E' um valente, como se vê bem pela cruz que traz ao peito.

—E pela cara! acrescentava Tanasio suspirando.

Nunca houve um casamento tão extraordinario. Acudiu gente de toda a parte, censurando Pauna por ter escolhido um cego. Ella, porém, sorria, feliz, e respondia a todos.

—Estou orgulhosa de ter por marido um valente. Louvado seja Deus, sou corajosa e forte, e posso trabalhar para ambos.

Quanto á montanha, que se viu arder, chamaram-lhe a *Pedra queimada*, porque os pastores, e os caçadores, que ali subiam presequindo os gamos, juravam que tinham encontrado os rochedos transformados em carvão.

Carmen Sylva

AS TOURADAS

E' tarde de funcção, encheu-se a praça, Não resta em toda ella um só logar; No doido entusiasmo a populaça Assobia, e não cessa de gritar.

Accode tudo: ha classes variadas, Clero, nobreza e povo; e custa crêr Que scenas, já de si tao condemnadas, Sirvam de passatempo e de prazer!

As mães levam seus filhos, ensinando Que é bonito, que é bom morrer assim, Em lucta desigual, ingloria, e dando A' morte aquelle aspecto de um festim!

Cavillos espirando, como é lindo!... Pegar um boi á unha... encantador!... O sangue cobre a arena, e o povo rindo! Ao som de um hymno, cae um luctador!

Nos velhos circos romanos Eram ás feras lançados Centenas de desgraçados, Que tinham martyrio atroz! Eram prazeres insanos De requintada maldade; A ignorancia, a crueldade De um povo tornado algoz!

Porém hoje... hoje, evitemos Que esta mancha do passado Seja um opprobrio legado A's gerações de amanhã. Filhos da luz, não devemos Applaudir por modos vários Esses quadros sanguinarios Da velha Roma pagã...

Como é triste e doloroso Ver alli em holocausto, Caindo por terra exaustos, Um artista forte e audaz! O seu braço vigoroso, O seu talento e destreza, Valiam mais, com certeza, Nas santas luctas da paz.

Luctas em prôl do seu berço, Nos officios e nas artes, Que vão em todas as partes Espalhar bens se rivaes. Mal entendido progresso Que consente por tão pouco O combate inutil, louco, Dos homens com animaes!

Alguns dos que alli vão jogar a vida —Não pela liberdade Da patria, ou outra causa justa e santa— Cáem feridos. Alguem ha que os levanta, E a festa continua divertida... Mas depois, para os filhos na orphandade Implora-se uma esmola...

..... Não mais touradas! finde a espuria raça, Da velha Roma; e em vez de cada praça Levante-se uma escola!

1881

D. M. A. d'Andrade.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

(1.ª publicação)

No dia 20 do corrente, por meio dia e á porta do tribunal da comarca, sita na Praça d'esta villa, voltam á praça, por metade do seu valor, os bens

penhorados na execução hypothecaria, que Maria Pereira de Rezende, solteira da rua da Fonte, move contra João Tução José de Lima, mulher e outros, da Praça, todos d'esta villa, a saber—uma morada de cazas altas sita na Praça, d'esta villa, no valor de 800:000 réis; e tres quartas partes de outra propriedade de cazas, sita tambem na Praça, d'esta vil-

la no valor de 452:500 réis; a fim de serem arrematados por quem mais offerecer sobre os mesmos valores.

Ovar, 14 de setembro de 1891

Verifiquei a exactidão O juiz de direito *Salgado e Carneiro*

O Escrivão *Eduardo Elysio Ferreira de Abreu*

(130)

ARREMATACÃO

(2.ª publicação)

No dia 20 de Setembro proximo por meio dia e á porta do Tribunal da comarca, sito na Praça d'esta villa, se ha-de proceder á arremataçao, na execução por sellos e custas que o Ministerio Publico move contra Joaquim Rodrigues da Silva, o Espirito Santo, tambem conhecido pelo alcunha de Gesso—, casado, serrador, do logar da Torre freguezia d'Esmoriz, de dois pequenos *palheiros* ou casas de taboas, sitos na Costa do mar, da freguezia d'Esmoriz— um avaliado em 2:500 reis, e outro em 3:500 reis, e diversos moveis e aprestes de companhia de pesca, que serão presentes no acto da arremataçao para serem entregues a quem mais offerecer sobre os respectivos valores.

Pelo presente são citados os credores do executado para assistirem á arremataçao e aos termos da execução, que corre na comarca da Feira, pelo cartorio do escrivão Manuel Maria Corrêa de Sá, d'onde veio a respectiva deprecada.

Ovar, 31 de Agosto de 1891.

Verifiquei

O juiz de direito, *Salgado e Carneiro.*

O escrivão interino, *Antonio Augusto Freire de Liz.*

(123)

Annuncios

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, marido, filhos, genro, e sobrinhos da finada Maria Rosa d'Oliveira Gomes, vem agradecer, emquanto o não fazem por outro meio a todas as pessoas que se dignaram comprimental-os ou enviar-lhes bilhetes de pesames por occasião do fallecimento d'aquella, e a todas essas pessoas protestam a sua gratidão.

Ovar, 11 de setembro de 1891

*João d'Oliveira Gomes
Anna d'Oliveira Gomes
Maria do Espirito Santo d'Oliveira Gomes
Antonio d'Oliveira Gomes
Manoel Ferreira Marcellino
Maria José Augusta da Silveira Huet
João Huet de Bacellar*

AGENCIA FUNERARIA

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BASTOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se póde fazer; habitos desde o mais fina seda até ao mais baixa algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições dou, radas, artigos de cartonagem e palheta, sedas lisas e lavradas e emfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'este casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoa competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

LEI DO RECRUTAMENTO

APPROVADA POR

Carta de lei de 12 de setembro de 1887

Seguida das alterações decretadas em 23 de julho de 1891

Preço 40 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio

A' Livraria—*Cruz Coutinho*—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18, e 20—PORTO.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Auctor dos romances: *As Doirdas em Paris*, *Mysterios de uma Herança*, *O Fiacre n.º 13*, *A Mulher do Saltibanco*, *Crimes de uma Associação Secreta*, *As Mulheres de Bronze*, *Os Milhões do Criminoso*, *Dramas do Casamento*, e outros.

Versão de *JULIO DE MAGALHÃES*

4 volumes illustrados com chromos e gravuras a 450 réis por assignatura 1\$800 réis. Cader-netas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a todos os assignantes. Vista geral da Avenida da Liberdade segunda edição com bastantes modificações mede 60 por 73 centímetros, impressão feita a 16 côres valor 500 réis.

Os snrs. assignates que enviarem já directamente aos editores a quantia de 1\$800 réis (sem abastimento), receberão na volta do correio a vista da *Avenida da Liberdade* e semanalmente as cader-netas tambem pelo correio tanpara Lisboa como para as provincias.

EDITORES—*BELEM & C.ª* 26, Rua do Marechal Saldanha 26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA
OS
Companheiros do punhal
POR
L. STAPLEAUX

Romancedramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Brindes de valor a todos os assignantes e angariadores de assignaturas, entre outros: um anel para senhora, um serviço de almoço (China) para 2 pessoas, um cõrte de vestido, um relógio de prata, um relógio de ouro para senhora, um pardessus, um centro de mesa, etc., etc., e

Um cheque á vista, de 2 libras

Ninguém deixe de lêr o prospecto em distribuição.

Publicada a 1.ª caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

Peca-se o prospecto illustrado e 1.ª caderneta.

ELEMENTOS
DE
GEOGRAPHIA ECONOMICA
(Agricola, industrial e commercial)
POR
JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO
Major de Infanteria
e ex-professor do Lyceu Central do Porto
—
PORTO
Magalhães & Moniz—Editores

OS MYSTERIOS DO PORTO
POR
GERVAZIO LOBATO
Romance de grande sensação, illustrado com magnificas phototypias.
Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcõdível regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 reis cada fasciculo franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 reis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Litteraria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184. Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cer-

A AVÓ
POR
ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra.

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, á vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjunto as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centimetros e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

MANUAL
DO
PROCESSO ADMINISTRATIVO
Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribuaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são concernentes.
pelo
DR. AUGUSTO CESAR DE SA
JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

VIDA
DE
LORD BYRON
POR
EMILIO CASTELAR
VERSÃO DE
FERNANDES REIS
2.ª EDIÇÃO

Com os retratos de Emilio Castelar e de Lord Byron.

1 vol. br. 500 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar e sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

DRAMAS DO CASAMENTO
POR
XAVIER DE MONTEPIN
VERSÃO
DE
Julio de Magalhães

volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, **50 REIS**
A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Erinde a todos os assignantes
EDITORES—BELEM & C.ª
26, Rua do Marechal Saldanha,
26—LISBOA.

Gazeta dos tribuaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribuaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura
Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1\$200
Por duas series (um anno) 2\$400

Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem **dão-se passagens gratuitas** a individnos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL
e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**

Os passageiros que embarcarem n'estas condições não contrahem vida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR
Serafim Antunes da Silva
Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de *França e Hespanha.*

NOVO
DICCIONARIO UNIVERSAL
PRTUGUEZ

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico a mythologico etc.
COMPILADO
POR
FRANCISCO DE ALMEIDA
EDITORES E PROPRIETARIOS
TAVARES CARDOZO & IRMAO
Largo de Camões 3 e 6
LISBOA
CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

O NOVO DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ contem 2:424 paginas, divididas por dois volumes.

A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda esteotypada e muitas folhas já impressas.

Os senhores assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.



Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, **dão-se passagens gratuitas** a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avô ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL
e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**

Os passageiros que embarcarem n'estas condições não contrahem vida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM AVEIRO
a Manuel J. Soares dos Reis
19—Rua dos Mercadores—23.

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de *França e Hespanha.*

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se anticipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

O preço de cada entrega é de 120 réis.

Fecha da assignatura o preço será augmentado com mais 20 por cento.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares Cardozo & Irmão, Largo de Camões—Lisboa.

A ESTAÇÃO
JORNAL ILLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS
Publicou-se o n.º de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4\$000—6 mezes 2\$100 rs.—Numero av. lso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.